

EMPODERAMENTO DAS MULHERES LÍDERES DE COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE, NO TEMPO DA DITADURA MILITAR, EM RIO BRANCO

Margarete Edul Prado de Souza Lopes¹

RESUMO

Este artigo discute alguns aspectos observados na pesquisa no jornal *Nós Irmãos*, Boletim católico, publicado pela Prelazia de Rio Branco e Purus, no período de 1980 e 1988. Na parte analisada, que já compõem um banco de dados prontos do Grupo de Pesquisa de Estudos Literários e de Gênero, de Raça e Geracionais (UFAC), buscamos revelar os mecanismos das relações de poder e de gênero durante a Ditadura Militar e qual influência desses textos na formação da identidade feminina. Como as acreanas alcançaram maior atuação no espaço público, com mudanças no comportamento, nas atitudes, por sua participação política e sociocultural, nas Comunidades Eclesiais de Base e na Associação das Lavadeiras, faz-se necessário registrar e analisar este momento da História das Mulheres no Acre, sendo nosso objeto de estudo o Jornal Católico de maior circulação nos seringais e municípios: O *Boletim Nós Irmãos*. Costumava ser um jornal de periodicidade mensal, e o nosso estudo cobre um total de 99 exemplares pesquisados. Deveriam ter sido 108 exemplares estudados, porém, curiosamente, alguns boletins valiam por dois meses, não sendo a publicação sempre mensal, mas algumas vezes era bimestral. O jornal publicava cartas dos monitores e monitoras dos Grupos Evangelizadores, coordenadores e coordenadoras das pastorais de Base, nas Comunidades, seringais e municípios, que ajudavam a catequizar o povo, manter a união e fortalecer a Igreja e suas crenças.

PALAVRAS-CHAVE: Empoderamento feminino; Relações de Gênero; Literatura de jornal.

ABSTRACT

This article talks about some aspects observed in the research in the journal *We Brethren*, Catholic Bulletin, published by Rio Branco Prelature and Purus, from 1980 to 1988. In the analyzed part, which already make up a ready database Studies Research Literary and Gender, Race and Generational Group (from UFAC), seek to reveal the mechanisms of power relations and gender during the military dictatorship and which influence these texts in the formation of the female identity. Considering that the Acre women achieved greater performance in public space, with changes in behavior, attitudes and worldview, in political and culture participation, in the Basic Ecclesial Communities and the Washerwomen Association, it must be necessary record and analyze this moment of Acre Women History, and our study object is the Catholic newspaper with the largest circulation in the rubber and Acre cities. The Bulletin *We Brothers* was monthly, and our study covers a total of 99 surveyed copies. They should have been 108 specimens studied, however, curiously, some bulletins were worth for two months, not being the ever monthly publication, but was sometimes bimonthly. The newspaper published letters from evangelizers groups monitors, CEBs coordinators,

¹ Mestrado em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas (1997), e doutorado em Teorias da Crítica e da Cultura, pela Universidade Federal da Bahia (2005).

which helped to evangelize the people, maintain unity and strengthen the Church and its beliefs.

KEY-WORDS: women's empowerment; Gender relations, newspaper literature.

Com o subprojeto **A atuação da mulheres nas CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), no Jornal NÓS IRMÃOS, na década de 1980, em Rio Branco** realizamos um trabalho de pesquisa, entre 2006 e 2007, que foi executado pela bolsista PIBIC Roberta Rodrigues de Lima, sob minha orientação, fazendo o levantamento, classificação e análise dos textos de autoria feminina publicados no referido jornal. Foi encontrado um pouco de tudo: fossem cartas, poemas, ou mesmo pequenas reportagens das ações das mulheres católicas, ou relatórios de autoria feminina. Os 06 volumes contendo todos os exemplares do jornal *Nós IRMÃOS*, entre os anos de 1980 a 1988, foi emprestado ao Grupo de Pesquisa em Crítica Feminista e Relações de Gênero, da UFAC, pelo pesquisador e historiador acreano prof. MSc Reginâmio Bonifácio de Lima.

O período de 1980 a 1988 foi escolhido por se tratar de uma época muito efervescente na política do Acre, com muitos fatos marcantes na política local. Nesse tempo, houve a fundação do Sindicato dos Seringueiros, da Associação das Lavadeiras, bem como ocorreram os assassinatos dos dois líderes sindicais Wilson Pinheiro e Chico Mendes, em um curto espaço de tempo entre ambos. Também porque no Acre, as tendências e modismo chegam sempre mais tardiamente e somente nos anos 1980 as mulheres começam de fato a desfazer as amarras dos poderes patriarcais vigentes.

A história do patriarcado no século XX é basicamente a de um declínio gradual, começando em diferentes pontos no tempo pelo mundo. A primeira ruptura ocorreu nos anos 1910, mediante ampla reforma consensual na Escandinávia e violenta revolução na Rússia. O final dos anos 1940 e o início dos anos 1950 proporcionaram outro importante degrau para baixo, nessa época centrado no

Leste Asiático – no Japão, sob ocupação americana, e na China por meio da Revolução Comunista. A tomada comunista da Europa Oriental significou que os sinos lá também dobraram pelo patriarcado institucionalizado. Sem ser implementada em curto prazo, a Declaração Universal dos Direitos Humanos da

ONU assinalou importante vitória global e constitucional contra o patriarcado.

Finalmente, os anos que se seguiram a “1968”, em particular os anos por volta de

1975 (Ano Internacional da Mulher), provocaram uma onda mundial contra os poderes e privilégios especiais de pais e maridos, com as primeiras

rupturas vindas da Europa Ocidental e da América do Norte, mas sem deixar nenhuma parte do planeta intocada (THERBORN, 2006, p. 430).

Além disso, nesse período, as mulheres acreanas começaram a publicar textos literários no Acre, em livros isolados de poemas, contos e crônicas, e a se destacar com maior visibilidade em todos os campos de conhecimento (educação, saúde, política, direito etc). Podemos citar, por exemplo, as jornalistas Fátima Almeida e Francis Mary, que comandavam o Caderno Literário de *A Folha do Acre*, nos fins dos anos 1970 até mais ou mesmo metade dos anos 1980.

Francis Mary iniciou suas atividades de jornalista junto com a escritora Fátima Almeida. As duas foram editoras do primeiro Caderno B (Caderno Cultural) do Acre, no jornal *A Folha do Acre*, durante 09 anos. Francis Mary assinava a coluna “Língua Solta”, ilustrava as matérias do jornal sempre com um poema que tivesse alguma coisa a ver com o assunto tratado no artigo. Era uma forma alternativa de divulgar a sua obra. Desse trabalho poético na imprensa acreana, resultou o livro de poesias *Aquiri*, única literatura do Acre que registrou os conflitos entre seringueiros e fazendeiros na década de 70 (LOPES, 2006, p. 174).

Este exemplo citado ilustra as mulheres se empoderando, finalmente exercendo o trabalho de jornalista, que era função exclusiva dos homens, desde a anexação do Acre ao Brasil, com raríssimas colaborações das mulheres. Em jornais de Xapuri, em 1913 e 1914, as mulheres escreviam algumas cartas e poemas somente em dois dos 13 jornais que circulavam, sem muita regularidade, ou publicavam orações e receitas de culinária. Foram encontradas somente três autoras escrevendo nestes jornais: Diana, Zalina, sem sobrenomes e Zuleida de Azevedo, para disfarçar a ausência de mulheres escritoras, publicavam poema e contos de escritoras conhecidas no Sudeste e Nordeste do Brasil, como Auta de Souza, Gilka Machado e Júlia Lopes de Almeida. Das autoras acreanas dos primeiros tempos ficaram somente esmaecidos vestígios (LOPES, 2006, p.84).

A primeira mulher jornalista pode-se afirmar que foi Fátima Almeida, que enfrentou o machismo que imperava no espaço jornalístico de Rio Branco e soube aproveitar todas as oportunidade e portas que se abriram para ela, na verdade, abrindo o caminho para outras mulheres adentrarem o mundo do jornalismo. O caminho inicial foi pedregoso, mas nunca Fátima Almeida recuou ou perdeu o incentivo.

Em 1976, Fátima Almeida inicia sua carreira de jornalista, com o apoio de Laura de Paula, que era a única jornalista mulher que tinha no Acre. Laura trabalhava no Rio de Janeiro, no jornal *Última Hora*, e veio para Rio Branco

acompanhando o marido contratado como professor da UFAC, que depois foi demitido (nos tempos da ditadura). O ambiente jornalístico era muito machista naqueles tempos e Laura de Paula treinou Fátima Almeida na redação do jornal *O Rio Branco*, até que estivesse pronta para sair em campo e coletar matérias. Fátima Almeida foi se especializando em editar suplementos culturais. Ela escrevia matérias sobre a cidade, entrevista, mas nunca fez/escreveu matéria policial, nem esportiva. No jornal *Folha do Acre*, Fátima Almeida trabalhava muito mais que os homens, ela tinha o dobro de páginas para cobrir que os repórteres homens e ganhava a metade do salário deles. Ela escreveu um artigo criticando a situação no próprio jornal e foi demitida (LOPES, 2006, p.155).

Este relato, coletado em entrevista com Fátima Almeida mostra como foram difíceis para as primeiras mulheres que ousaram disputar o espaço jornalístico com os homens nos jornais locais de Rio Branco, nos anos 1970 e 1980. Foram mulheres de fibra que enfrentaram o machismo e hostilidades e até mesmo se defrontaram com uma demissão sumária ao denunciar a desigualdade de gênero nos salários. Portanto, se a situação se anunciava nestes termos na capital; no interior, mulheres católicas eram líderes das CEBs e tinham um espaço no jornal católico *Nos irmãos*, que também era uma forma de empoderamento feminino. Vale lembrar que foi nos anos 1980 que o Estado começa a se preocupar com ações afirmativas e com as desigualdades de gênero que era a bandeira de luta da terceira fase do feminismo que aconteceu nos anos 80 também.

Sob o impacto da democratização e da luta de movimentos feministas e de movimentos de mulheres, desde os anos 80, tem ocorrido, no Brasil, um processo gradual de incorporação da problemática das desigualdades de gênero pela agenda governamental. Com a crescente importância dos governos municipais, a partir da Constituição de 88, a redução das desigualdades de gênero passou também a fazer parte da agenda dos governos locais. O eixo de uma ação governamental orientada pela perspectiva de gênero consiste **na redução das desigualdades de gênero**, isto é, das desigualdades entre homens e mulheres (e entre meninos e meninas). (FARAH, 2003, p.01)

O jornal, mesmo em tiragem pequena, manufaturado de forma básica em mimeógrafos, supriam as necessidades de troca de comunicação entre comunidades eclesiais e a Igreja Matriz em Rio Branco, e consistia em mais um formato de comunicação em média ao lado da Rádio Difusora. As pessoas na cidade usavam o rádio para enviar mensagens para as famílias e parentes na floresta e vice-versa. Do mesmo modo, o jornal católico era essencial na ajuda para manter a comunicação entre comunidades isoladas, sem o conforto de ter estrada transitáveis durante todo o ano e sem telefone.

Tendo em vista que as acreanas alcançaram várias de suas conquistas públicas, provocando mudança de comportamento, de suas atitudes e visão de mundo, por sua participação na política, em atividades religiosas e socioculturais, como as Comunidades Eclesiais de Base e nos movimentos feministas, havia um campo rico de pesquisa a ser explorado. Essa constatação justificou registrar e analisar a atuação das líderes e coordenadoras de grupos católicos, nas comunidades da capital e dos diversos municípios do interior do Acre. Como o jornal *Nós Irmãos* tem um registro fiel e quase cotidiano desta atuação nas CEBs, por várias décadas, tornou-se o principal objeto deste estudo e nosso corpus de trabalho.

O jornal *Nós Irmãos* – Boletim da Prelazia do Acre e Purus - começou a ser editado em 1971, numa publicação semelhante às brochuras, em material rodado em mimeógrafo. A periodicidade era geralmente mensal, com formato de folha A4, com cerca de mais ou menos 18 páginas a cada edição. No entanto, alguns números, contendo as comemorações especiais como a Páscoa, ou a visita do Papa ao Brasil, resultavam em boletins maiores, com cerca de até mesmo 22 ou 23 páginas. O jornal se iniciava sempre com um discurso do bispo da Prelazia, cartas dos monitores e monitoras dos Grupos Evangelizadores nas Comunidades ribeirinhas e periféricas de toda Rio Branco, e de algumas comunidades do interior do estado do Acre. Continha ainda correspondência das (os) coordenadoras (os) das Pastorais de Base, além de várias canções religiosas, desenhos ilustrativos, poemas, contos, causos, trechos das escrituras sagradas, para acompanhar as missas de domingo, jograis e notícias. A circulação do jornal em municípios distantes ajudava a catequizar e fortalecer politicamente as comunidades, manter a união dos fiéis e solidificar a Igreja e suas crenças na região, mas também mantinha as comunidades informadas dos eventos políticos, acontecimentos sociais, novidades na educação e na saúde.

Além das constantes missivas, o jornal apresentava também, quase em todas as edições, um poema de cunho religioso, na página final, os quais muitas vezes apareciam sem título ou anônimos, no formato de trovas ou cordel, sendo diversos de autoria feminina, pelas pistas deixadas nos próprios poemas. O Boletim servia e ainda serve de veículo, para levar as notícias das atividades dos grupos religiosos até os locais mais distantes e sem construção de uma igreja, como também para veicular as leituras de trechos específicos dos Evangelhos, para cada domingo do mês, que eram lidos e estudados pelos grupos e também utilizados nas missas.

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

No ano de 1980, foram publicados vários discursos do Bispo da Prelazia local, que neste tempo era o bispo Dom Moacir Grotti. A partir de 1981, os discursos se tornam partes integrantes do Boletim e com publicação mensal. Pudemos observar também a prática de publicar, ocasionalmente, pequenas reportagens de eventos especiais, como as comemorações do Dia Internacional das Mulheres, aniversário da Associação de Lavadeiras, morte de pessoas eminentes, prisão de padres por motivos políticos, transferências das freiras de uma região para outra. As notas mais frequentes consistiam em avisos de eventos das Pastorais e de convocações para Treinamentos dos monitores e líderes das CEBs, na Diocese de Rio Branco, em datas determinadas.

O jornalzinho apresenta ricas figuras em desenho a grafite, para ilustrar as notícias e reportagens do jornal e abaixo exemplificamos com um desenho que tematiza a mulher e a força da imagem paterna na vida das mulheres, como exemplo marcante da forte dominação masculina e da predominância do patriarcado na região:



Figura 1 – Boletim Nós Irmãos de fevereiro de 1981.

Depois de copiarmos todos os exemplares do jornal *Nós Irmãos* encontrados e encadernamos por biênio (80-81, 82-83, etc.), fizemos a leitura, levantamento e digitação dos dados diretamente dos exemplares coletados, em trabalho conjunto com a bolsista de pesquisa. Foi feito um arquivo em separado, com todos os poemas publicados, fossem de autoria de homens ou mulheres. Os textos foram classificados por sua temática, uma vez que estávamos estudando a literatura presente no Boletim

católico. Buscando atingir os objetivos previstos, o estudo do jornal se desenvolveu do seguinte modo:

- a) os textos (cartas, poemas, crônicas, reportagens) foram examinados numa perspectiva da crítica feminista, articulando as relações de gênero com fatores sociais, econômicos, políticos, históricos e culturais do Acre e da Amazônia;
- b) os textos são descritos e interpretados em seus aspectos ideológicos e estruturais, com destaque para os textos de temática sobre a mulher, a condição de vida feminina no Acre ou que fossem de autoria feminina;
- c) os pontos de contato da literatura com a história são examinados a fim de estabelecer ligações com as noções de gênero e identidade.

Examinando atentamente as edições do jornal *Nós Irmãos* – Boletim da Prelazia do Acre e Purus, num total de 99 edições, que vão do ano de 1980 a 1988, percebemos que as mulheres são maioria na liderança das comunidades eclesiais de base. Percebemos que as mulheres são mais envolvidas no trabalho de evangelização e de conscientização política que os homens, conforme ilustram as cartas de autoria feminina publicadas no jornal em estudo.



Figura 2 – Capa do Boletim Nós Irmãos de maio de 1987.

Na década de 1980, a principal característica do jornal era publicar sempre as cartas das CEBs (comunidades eclesiais de base), na maioria de autoria das monitoras e monitores, com as notícias das atividades dos grupos em sua localidade. No entanto, qualquer membro de uma comunidade eclesial, ou grupo de base poderia escrever ao jornal e ter seu texto publicado, como por exemplo, a garotinha de 12 anos, Eunice Francisca de Paiva, que publicou uma carta, em junho de 1981.

Outro aspecto caracterizador destas cartas era que, muitas vezes, a pessoa não escrevia sozinha, a carta era de autoria de todo o grupo, ou de um casal, de duas

mulheres líder e vice-líder no grupo, ou até mesmo de um grupo não-religioso, como o de trabalhadores rurais, que desejavam registrar suas carências. Como exemplo disso, apontamos a carta do *Boletim Nós Irmãos*, de julho de 1983. Na página 03 desta edição, tem uma carta assinada por Eliete, Nelson, Ozair e João, da Comunidade Nossa Senhora da Aparecida, Grupo São Paulo. Ou ainda quando escrevem, no Boletim de março de 1984, (p. 05), Luzia, Janete e Jandira, monitoras da Comunidade de Assis Brasil, dando notícias das ações religiosas do grupo e depois assinam juntas as cartas do grupo.

Apresentamos abaixo um trecho da carta de uma ajudante de Dona Joana, monitora de grupo da comunidade de Baixa da Colina, sendo ela uma das poucas mulheres que escreveu mais de uma vez para o Boletim. A ajudante é tão humilde que nem sequer assina a carta, mas menciona ser ajudante nos trabalhos de dirigir o grupo. Ela conta a história de sua vida e a emoção, que sentiu, ao fazer o treinamento para monitores, na Diocese de Rio Branco. Ela nunca tinha ido à cidade de Rio Branco. Foi possível concluir que se trata de uma mulher, uma vez que ela conta na carta que esteve gestante e teve uma filha.

É a primeira vez que escrevo para o Boletim *Meus Irmãos*. Meus irmãos: Quero nestas poucas linhas expressar um pouco de tudo o que Deus me deu. É quase um testemunho. Primeiro quero dizer a vocês, meus pais eram católicos de tirar novena todos os sábados; devotos de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Eu estudava interna no colégio de Cruzeiro do Sul, depois de passar dos anos, me casei para a minha felicidade, pois tudo que Deus faz é bem feito. Só ia na Igreja para batizar os meninos, mas sempre mantinha a minha fé: Meu Deus, um dia ainda vou trabalhar em alguma coisa na Igreja. Passaram anos e eu vim morar na Baixa da Colina, mas nem sabia que tinha um Centro Comunitário, pois ia na missa uma vez por outra... (...) Por intermédio de minha irmã comecei a participar das reuniões, pois a minha vida é uma alegria ali. BOLETIM NÓS IRMÃOS, Abril de 1983, Ano 12, p. 04.

No ano de 1980, contamos cerca de 30 cartas de monitoras relatando de suas comunidades. As cartas falam das atividades das líderes e das monitoras em incrementar a religião católica nas comunidades com procissões, festas, novenas e até batismos. Vale registrar que o batismo sempre foi uma atividade tradicionalmente da esfera masculina, mas temos um exemplo contrário, como no trecho desta carta: “*Outro dia, eu com duas participantes do meu grupo, batizei uma criança que estava para morrer*” (Jornal *Nós Irmãos*, Janeiro de 1980, p. 02).

Se no imaginário da sociedade somente os padres teriam autoridade para realizar batismos, o conteúdo da carta ilustra as mulheres realizando essa tarefa numa situação

extrema, porque a criança estava morrendo e segundo as crenças católicas, sem batismo a criança não poderia ir para o céu. O episódio também mostra a importância do trabalho das mulheres e seu poder de intervenção para resolver os problemas da Igreja ou tomando para si o dever de intervir e decidir, estando em comunidades isoladas geograficamente, sem meios de comunicação e sem outra alternativa senão buscar as soluções por elas mesmas.

Em 1981, o jornal fez aniversário de 10 anos de publicação e todos os boletins deste ano comentavam o fato, que foi largamente explorado e comemorado por vários meses. No Boletim de julho/agosto de 1981 (alguns exemplares eram publicados valendo por dois meses), foi feito um senso para comemorar os 10 anos de trabalho do Boletim, obtendo-se os seguintes resultados:

Centros Comunitários – 130

Grupos Evangelizadores – 1000

Monitores de Grupos – 1200

Coordenadores – 200

Padres – 18

Freiras – 67

Os números mostram que havia maior número de grupos que de comunidades, maior número de monitores do que de coordenadores, porém convém esclarecer que o número de monitores era grande porque em vários grupos havia 3 ou 4 monitores trabalhando em conjunto, para dar conta do trabalho de evangelização na comunidade. Sendo que, nos inícios dos trabalhos, havia maior número de homens exercendo a função de coordenadores e monitores. Com o decorrer da década de 1980, os números foram se modificando, apresentando cada vez mais mulheres na função de líderes dos grupos e de coordenadoras, sendo deste modo o espaço religioso um espaço de empoderamento das mulheres ao lhe dar a posição de líderes.

Os conflitos nas relações de Gênero podem sempre ser detectados nas cartas das mulheres, como na missiva da monitora Maria Silvestre do Nascimento, do Seringal São Francisco, do grupo Fortaleza de Deus, contando ao bispo Dom Moacir que não poderia ir ao treinamento de monitores em Rio Branco, porque não tem ordens, do marido para ir, em razão de estar sem sua ajudante para cuidar das crianças e do grupo. Podemos perceber que as mulheres eram submissas ao seu marido e aos deveres familiares, cumprindo fielmente suas funções na sociedade patriarcal sem quaisquer

questionamentos, elas não contrariavam as ordens recebidas dos maridos, nem mesmo para atender aos pedidos da Igreja (leia-se DEUS).

A política andava lado a lado com o estudo do Evangelho, nos Boletins. Na edição de outubro de 1981, na página 11, temos uma reportagem sobre o primeiro congresso da Associação das Lavadeiras e o Acre foi o primeiro Estado a criar este tipo de organização. Ainda nesta edição de 1981, na página 10, temos uma reportagem sobre uma vereadora que atacava verbalmente o bispo Dom Moacir, em razão de considerar a igreja omissa em não defender a participação feminina na política.

Além disso, convém lembrar que a igreja mantinha o seu trabalho de caridade, as campanhas da fraternidade, contando sempre com muitas mulheres na frente de trabalho. Por exemplo, no ano de 1983, aparece o grande trabalho da Igreja católica no Acre para ajudar os hansenianos, sendo fundado o MORHAN (Movimento dos Hansenianos no Acre). O Setor de Saúde da Igreja começou a escrever sobre as atividades dos hansenianos em maio de 1983 e, no Boletim do mês de setembro, temos a reportagem sobre o 1º Encontro dos Hansenianos acreanos.

Até o poeta Bacurau, grande líder do grupo de hansenianos de Rio Branco na época, passa a escrever regularmente para o Boletim Nós Irmãos, sempre assessorado por Maria Lúcia Reges, (presidente da fundação cultural Garibaldi Brasil) que em 08/12/83, lança o livro “Coragem de viver”, de Bacurau, no Colégio Meta, contando a experiência com a Hanseníase, numa promoção da MORHAN e da Fundação Cultural Garibaldi Brasil.

No Boletim de janeiro/81, temos ainda o surgimento do primeiro poema de autoria feminina encontrado no período estudado, da autoria de Rosa Olímpio, intitulado “Unidos em Cristo somos fortes”, da Comunidade da Boa Esperança.

Convém assinalarmos também que muitas das cartas com as notícias dos grupos de estudo eram enviadas por seus monitores e monitoras na forma de um poema de cordel, com os fatos narrados em versos, tais como os batismos, as festas religiosas, os casamentos, as visitas dos coordenadores ou treinamentos. Por exemplo, a carta da monitora Antonia Moura, de Brasília, Seringal Belmonte, Comunidade Nossa Senhora da Aparecida, Grupo Irmãos Unidos. São 27 estrofes no total, seguem as primeiras abaixo:

Pela primeira vez escrevo para o *Nós Irmãos*, para dar notícias do trabalho realizado na Semana Santa.

1. Ó Bom Jesus Onipotente

E a Santa Virgem Maria
Dai-me inspiração poética
Para versar com alegria
Nosso trabalho de Páscoa.

2. Vou começar os meus versos
Com grande satisfação
Nosso trabalho foi feito
Todo em dramatização
Desde o Domingo de Ramos
Até a Sexta da Paixão.

3. Pela Quinta-feira Santa
Foi a Ceia do Senhor,
Fizemos tudo direito
Como o Boletim mandou
Com comida aqui do Acre
Que muita gente gostou.

Outro exemplo é o poema de Sebastiana Onofre Maia, da comunidade da Colônia Juarez Távora, Setor do Mutum, Paróquia de Santa Inês.

Caros amigos companheiros

Das nossas comunidades
Estou aqui mais uma vez
Para falar de uma comunidade
Que fica no Km06
Fica perto da cidade
De nossa comunidade
Várias vezes já falei
Fica ali muito perto
Vou dizer mais uma vez:
A comunidade que eu falo
Fica ali da Juarez.

Convêm comentarmos ainda que nem sempre as cartas tratavam das atividades nos grupos e comunidades, temos dois exemplos de exceção. O primeiro trata-se de uma carta de Maria Hinácio de Souza, ministra dos enfermos, com registro coloquial (“ponhá”, “iludição”), relatando os sofrimentos que se iniciam nos grupos católicos nas comunidades, nos seringais e colônias, por causa da perseguição de religiosos fanáticos, de outras denominações, provocando picuinhas e desentendimentos desnecessários, instaurando o medo e a raiva. Podemos verificar que já existia a intolerância religiosa, que a meu ver é na verdade um tipo de violência religiosa (Boletim de agosto/1983, p. 05).

A segunda carta é de Raimunda Antonia Vieira Fidelis. Ela envia a carta ao Boletim Nós Irmãos, em 27 de fevereiro de 1983, porém a mesma foi publicada somente em agosto de 1983, sendo que dona Raimunda faleceu em 16 de maio de 1983.

A carta é longa e ocupa as páginas 06 a 08 do referido exemplar do Boletim. Ela agradece a todos e todas, ela também comunica que está morrendo, por doença grave, agradece os tempos felizes de participação em seu grupo e dos trabalhos feitos na igreja. Uma carta comovente e emocionada de uma mulher que batalhou muito e morre feliz.

Em relação à poesia, como já foi mencionado, nos exemplares de 1980, não há poemas de mulheres, porém, em 1981, duas das 12 edições trazem poemas de autoria feminina, mantendo esta média até 1988. As mulheres cuidavam de escrever mais cartas políticas e religiosas do que poemas, demonstrando seu potencial de líderes engajadas. Os poemas não tematizam as lutas dos sem terra, nem os assassinatos de líderes sindicais, nada da militância local. Na maioria, são de cunho religioso (falam sobre Jesus, Nossa Senhora e datas comemorativas como Natal, Páscoa, nesta ordem de assuntos), alguns tratam de datas comemorativas como Dia do professor, dia das mães, dia dos pais, ou seja, seguindo os valores tradicionais.

Apesar de serem poucos e raros, algumas vezes aparecem poemas, de autoria feminina, falando das populações periféricas, das plantações, dos trabalhadores rurais, demonstrando ser uma característica das mulheres a preocupação de fazer versos sobre as questões cotidianas e problemas sócias. Um exemplo deste fato encontramos no poema anônimo, no Boletim de março de 1987, na página 23. Neste poema sem assinatura, mas sabemos ser de autoria feminina por causa da expressão “fui convidada”, a voz feminina se queixa por não ter direito à licença maternidade e outros direitos no trabalho de agricultura e relata o sofrimento da mulher que trabalha no campo.

Poesia

Eu vou contar pra vocês como isso aconteceu.
Um dia fui convidada para uma grande reunião
Quando cheguei lá, encontrei mais de duzentas mulheres dentro de um salão.
Contando suas lutas que dava até compaixão.
Sem ter direito a nada, estas que cavam o chão;
Trabalham até dezessete horas por dia pra não faltar o pão;
Já pensei comigo mesma, não vou calar minha voz diante desta situação.

Na luta em que nós estamos, não vamos ficar parados;
Não é que a mulher não pode também pegar na enxada,
E ao lado do seu marido enfrentar a caminhada;
Mas é sobre os direitos humanos que eu fico indignada;
Trabalha em casa e na roça, e dentro do nosso país não tem direito a nada.

Nós temos que fazer urgente essa nossa organização
Lutar pelos nossos direitos, essa é nossa obrigação;
Temos que levar ao conhecimento até do chefe da nação,

Porque Deus, o rei do universo incluiu a mulheres no Plano de Salvação.
(...)
Quando vejo as professoras esperando seu bebê;
Já tem licença antes de nasce;
Recebendo a natalidade, salário também se vê;
Por que a agricultura não vê isso acontece?
Lá na roça onde trabalha desde o dia amanhece
Quando vejo estas injustiças, lembro da agricultura;
Que trabalhando em casa e na roça, ainda tem que ser doutora;
Muitas vez tem até de fazer o parto para que seu bebê não morra;
E cada dia que passa eu consigo ver melhor a grande classe opressora;
Até parece sentir prazer essa raça exploradora.

Conclusão

Cada Boletim traz pelo menos umas 08 cartas de monitoras (es) de grupos ou coordenadoras(es). A maioria são textos de homens e eles escrevem mais vezes por Boletim, porém as mulheres, como já foi descrito, mesmo escrevendo apenas uma vez cada uma, para o Boletim, demonstram mais atenção nos problemas sociais e econômicos da comunidade. Elas não mencionam somente os aspectos religiosos, mas o trabalho das parteiras, os nascimentos, os casamentos, o recebimento de treinamento religioso por parte dos coordenadores das pastorais quando visitam as comunidades como também elas não esquecem de mencionar a falta de água ou luz, os alagamentos, as perseguições dos evangélicos aos católicos, a coleta de suprimentos e remédios para os mais necessitados, a solidariedade em fazer mutirões para ajudar nas horas de crise comunitária e violência doméstica, etc.

Verificamos que as questões políticas preenchem as páginas do Boletim tanto quanto as questões religiosas, através dos textos das mulheres, porém com a interdição do Vaticano, nos anos noventa, as atividades políticas cessam na Igreja Católica, em todo o Brasil, e também deixam de ser mencionadas e registradas nos Boletins.

Por fim, podemos afirmar que a importância do Boletim Nós Irmãos está justamente em ter sido um espaço onde as mulheres puderam se manifestar e contar suas lutas, seu cotidiano, seu trabalho de evangelização e também social, bem como os seus sofrimentos. O Boletim católico foi e continua sendo um veículo de expressão para homens e mulheres que circulava e circula nos recônditos da mata, em todos os seringais, trechos de estrada, colônias e qualquer outro estirão da floresta onde haja algum habitante, porém destituído de sua contribuição da militância política. Apesar de tudo, foi e continua sendo um grande instrumento de penetração da Igreja em suas

comunidades mais distantes, ainda sem celulares ou computadores, ligando e mobilizando as mulheres de todos os municípios acreanos.

Entretanto, por mais que o Jornal *Nós Irmãos* tenha servido de instrumento de empoderamento das mulheres nas letras e nas escritas, sendo o espaço intelectual sempre machista, convém lembrar que mesmo assim as coisas ainda não mudaram muito na segunda década do século XXI. As desigualdades de gênero ainda são marcantes e desafiam as melhores militantes e a luta feminista está longe de terminar.

Várias sociedades contemporâneas no seu conjunto, ou segmentos de sociedades, podem, eventualmente, ser hoje descritas como pós-patriarcais. Porém, como bem sabemos mecanismos legais e culturais de subordinação das mulheres, que poderiam facilmente ilustrar os clássicos escritos feministas sobre patriarcado, continuam vigentes em muitos países. Mesmo no caso das sociedades em que profundas transformações dos sistemas sexo/gênero estão em curso, padrões androcêntricos persistem no ordenamento da economia, na sociabilidade cotidiana e, sobretudo, no plano das práticas políticas, que não se desvincilharam dos vestígios de patriarcalismo, em especial no que diz respeito à permeabilidade entre lógicas pública e privadas (ALVES e CORREA, 2009, p.125)

Como podemos observar, atualmente, muito da ordem patriarcal ainda organiza a vida que vivemos em sociedade e os homens brancos e de elite continuam preservando seus privilégios e espaço de poder, marcadamente na esfera política, econômica e das ciências, reduto ainda machista e resistente quanto às igualdades de gênero e raça. Porém é inegável que obtivemos, nós mulheres, muitos avanços que também não podem deixar de ser mencionados.

No que diz respeito mais especificamente aos padrões de gênero e sexualidade, é preciso sublinhar a crescente individualização das sociedades e ampliação da autonomia pessoal, especialmente das mulheres, transformações nos padrões de conjugalidade e família, autonomização da sexualidade (ou separação entre sexualidade e reprodução), com impactos importantes sobre a fecundidade e desdobramentos no que se refere à contestação não apenas de padrões “tradicionais” de relações entre gêneros e de famílias, mas também da heteronormatividade compulsória. Essas mudanças, que são evidentes no contexto brasileiro, têm sido interpretadas por vários autores como sinais contraditórios, mas persistentes, de declínio das estruturas patriarcais de ordenamento das relações privadas e mesmo da lógica que preside a dinâmica da esfera pública (ALVES e CORRÊA, 2009, p. 124).

Referências Bibliográficas

ALVES, José Eustáquio Diniz; CORRÊA, Sonia. Igualdade e desigualdade de gênero no Brasil: um panorama preliminar, 15 anos depois do Cairo, in: Seminário Brasil, 15 anos depois do Cairo. *Anais...* Belo Horizonte, agosto, 2009.

Boletim Nós Irmãos. Rio Branco: Prelazia da Rio Branco e Purus/ 1980 a 1988.

FARAH, Marta Ferreira Santos. Políticas públicas e gênero, in: URBIS – Feira e Congresso Internacional de Cidades. Seminário Nacional de Coordenadorias da Mulher no Nível Municipal: o Governo da Cidade do ponto de vista das Mulheres –Trabalho e Cidadania Ativa. **Anais....** São Paulo, 2003.

LOPES, Margarete Prado. **Motivos de mulher na Amazônia:** produção de escritoras acreanas no século XX. Rio Branco: Fundação Elias Mansour/ EDUFAC, 2006.

THERBORN, G. **Sexo e poder:** a família no mundo 1900-2000. São Paulo, Contexto, 2006.

Recebido em: 30 de setembro de 2015

Aceito para publicação em: 26 de outubro de 2015